

CONCLUSÃO PESSOAL

Romanos 15.14–16.27

A essência da Epístola está agora concluída, e restam apenas as seções finais de explicação, saudação e encorajamento pessoal.

Godet mostra como a conclusão se correlaciona com o prefácio de Paulo (1.1-5).¹ Primeiro, o apóstolo se desculpa pela ousadia com a qual escreveu aos cristãos romanos, lembrando-os de sua missão aos gentios (15.14-21). Isto corresponde a 1.14-15, onde ele se declara um “devedor” a todos os gentios, inclusive aos romanos. Ele então explica o que o tem mantido no Oriente (15.22-33). Isto completa o que ele disse em 1.11-13 sobre a impossibilidade de se por a caminho de Roma mais cedo. As saudações pessoais de 16.1-23 correspondem ao pronunciamento em 1.7: “A todos os que estais em Roma, amados de Deus”. Finalmente, a doxologia (16.25-27) nos traz de volta para a afirmação de abertura da carta, aquela do cumprimento do plano divino pelo evangelho que havia sido “antes... prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras” (1.1-2).

A. Justificativa de Paulo Para as Suas Admoestações, 15.14-21

Como em 1.8, Paulo começa com uma referência ao bom relatório da igreja romana. Ele gentilmente se justifica pelo calor do sentimento com o qual escreveu, especial mente na seção anterior. A sua declaração de abertura é sensível. **Eu próprio, meus irmãos, certo estou, a respeito de vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, cheios de todo o conhecimento, podendo admoestar-vos uns aos outros**

(14). “Embora eu tenha às vezes falado de maneira muito forte, isto não significa que eu não esteja ciente do zelo espiritual da vossa igreja”. Ele reconhece tanto a **bondade** de coração como a plenitude do **conhecimento** cristão deles.

O apóstolo continua: **Mas, irmãos, em parte** (*apo merous*, “sobre alguns pontos”, NASB, RSV), **vos escrevi mais ousadamente, como para vos trazer outra vez isto à memória** (15). A NEB traduz este texto do seguinte modo: “Tenho-vos escrito para refrescar a vossa memória, e às vezes um pouco ousadamente”

(tendo em vista o fato de que a igreja romana não havia sido fundada por ele).³“Paulo tinha escrito apenas *sobre alguns pontos* - como que dizendo: ‘Sei que há muito que vós poderíeis me ensinar acerca da vida cristã’ [cf. 1.11-12] - isto indica a graça especial que lhe foi dada como o Apóstolo dos Gentios, e que tanto exige dele como o qualifica a escrever” (cf. 1.5; 12.3).

Ele agora chama o seu trabalho de ministrar o evangelho de serviço sacerdotal, no qual ele é o mediador do amor de Deus em Cristo aos gentios, e aquele por meio de quem os gentios se oferecem como um sacrifício a Deus (cf. 12.1). Ele fala de si mesmo como um **ministro de Jesus Cristo entre os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo** (16). Três palavras gregas são empregadas como termos sacrificiais. Na LXX, a palavra **ministro** (*leitourgon*) é usada definitiva e tecnicamente em relação a um sacerdote; na Epístola aos Hebreus, Cristo é descrito como “ministro [*leitourgos*] do santuário e do verdadeiro tabernáculo” (Hb 8.2). **Ministrando** (*hierourgounta*) tem o sentido de “ser o sacerdote sacrificial” do **evangelho de Deus**. Paulo é um sacerdote, sua proclamação do evangelho, um serviço sacerdotal; seus convertidos gentios são **a oferta** (*he prosphora*) que ele apresenta a Deus.

Observamos anteriormente que o sacerdote do AT oferecia dois tipos gerais de sacrifício: 1) aqueles oferecidos para efetuar a reconciliação dos pecadores com Deus (a oferta pelo pecado e a oferta pela transgressão) e 2) aqueles oferecidos após a reconciliação para celebrar a expiação (a oferta queimada e a oferta pacífica). Como um sacerdote sob a nova aliança de Deus, Paulo ministrou o evangelho como 1) o mediador do amor redentor de Deus em Cristo, pelo qual Deus reconcilia os homens pecadores consigo mesmo (3.21-26; cf. 2 Co 5.18-21), e 2) como um chamado para os homens redimidos se apresentarem a Deus “em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o... culto racional deles” (12.1; cf. 6.13). Como Godet observa, estas correspondem às duas principais divisões de Romanos.

Santificada pelo Espírito Santo é uma frase-chave. “Houve alguns, sem dúvida, que sustentaram que os convertidos de Paulo eram ‘impuros’, pelo fato de não serem circuncidados. Para estes críticos, a resposta de Paulo foi que seus convertidos eram ‘limpos’, porque foram santificados pelo Espírito Santo que veio para habitar neles...

Semelhantemente, no Concílio de Jerusalém, Pedro lembra aos seus companheiros crentes judeus como - quando os gentios ouviram o evangelho - Deus lhes deu o Espírito Santo 'assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé (Atos 15.8ss.).

A percepção desta grande verdade dá a Paulo um orgulho e confiança adequados em seu ministério. **De sorte que tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus** (17). As palavras **em Jesus Cristo** amenizam a exaltação de Paulo (cf. G16.14). Sua **glória** não estava nele mesmo, mas em Cristo. A frase: **Porque não ousaria dizer coisa alguma, que Cristo por mim não tenha feito** (18), pode ser traduzida da seguinte forma: "Porque eu não me aventuraria a falar de coisa alguma, exceto do que Cristo fez por mim" (RSV). E o que era isto? **Para obediência dos gentios, por palavra e por obras; pelo poder dos sinais e prodígios, na virtude do Espírito de Deus (18-19).8**

O ministério apostólico de Paulo é aqui atestado por milagres operados pelo poder do Espírito Santo. As palavras **sinais e prodígios** (*semeia kai terata*) são empregadas ao longo de todo o NT para expressar o que chamamos de milagres. *Teras* implica algo maravilhoso ou extraordinário em si; *semeion* representa o mesmo evento, mas visto como um sinal ou prova da mediação pela qual ele é realizado, ou o propósito que ele pretende cumprir. No Evangelho de João, os milagres de Jesus são vistos como sinais (*semeia*) da glória celestial.

Freqüentemente uma terceira palavra, *dynameis*, é acrescentada, para indicar que estas obras são a manifestação de um poder mais do que natural. Aqui Paulo varia a expressão dizendo que os feitos realizados em seu ministério foram efetuados "pelo poder dos sinais e prodígios" (*en dynamei semeion kai teraton*). Este **poder** é posteriormente qualificado como **a virtude do Espírito** (*en dynamei pneumatos*). "Não pode haver dúvida", dizem Sanday e Headlam, "de que nesta passagem Paulo assume que possui o poder apostólico de operar o que é comumente chamado de milagre". A narrativa histórica de Atos apóia esta reivindicação (cf. Hb 2.3-4).

Devemos ter em mente que o propósito de Paulo em toda esta seção é defender a sua reivindicação de uma comissão divina como apóstolo para os gentios. Que sua missão foi poderosa e efetiva é um fato que ninguém pode negar, e ele oferece o seu registro à igreja

romana como parte de suas credenciais. Ele considerou as províncias orientais do Império Romano como seu território, excluindo os lugares onde outros missionários cristãos trabalharam. Seu trabalho neste território está agora terminado, visto que **desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico** ele havia **pregado** exaustivamente **o evangelho** (*peplerokenai to euangelion*, “completou a pregação do evangelho”, NEB) **de Jesus Cristo**. O trabalho de Paulo no Oriente estava completo.

A menção de **Jerusalém** como o ponto de partida de seu ministério pode ser explicada pelo fato de ele considerar a igreja-mãe como a base de todo o movimento cristão (cf. Lc **24.47**; At **1.4,8**; **8.14**; **9.22**; **15.2**). **Ilírico** representa o ponto mais ocidental do seu ministério. Não há menção desta província (que delimita o litoral oriental do Mar Adriático) em Atos ou em qualquer uma das cartas de Paulo até este momento. Há motivo para acreditar, porém, que ele tenha evangelizado o Ilírico durante a sua prolongada estada em Efeso, em sua última viagem.

Há indicação de que ele cruzou a Macedônia no verão ou no outono de **55 d.C.** (cf. **2 Co 2.12-13**) e passou os **15** ou **18** meses seguintes na Macedônia e Acaia. Isto deve ter ocorrido durante o período em que ele viajou ao longo da Via Egnatia em direção ao Ocidente até a fronteira do Ilírico, provavelmente atravessando o Ilírico e pregando o evangelho ali. Parece não haver nenhum outro ponto onde uma viagem ao Ilírico possa ser inserida em seu itinerário.

Dentro da área, porém, entre **Jerusalém** e o **Ilírico**, havia lugares onde ele não tinha pregado. Ele acreditava que a sua comissão era pregar o evangelho onde Cristo não era conhecido, a fim de não competir com outros missionários. **E, ele continua, portanto, desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo houvera sido nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio (20).** Paulo descreve o seu trabalho em outra passagem como colocando o “fundamento”, ou “colocando a pedra fundamental” (**1 Co 3.10**).

Ele então descreve no versículo 21 o objetivo de sua missão nas palavras de uma citação do AT: Antes, como está escrito: Aqueles a quem não foi anunciado o verão, e os que não ouviram o entenderão (Is 52.15, LXX). Paulo corretamente toma estas palavras para aplicá-las à extensão do conhecimento do Servo Sofredor, a lugares onde o

seu Nome não foi mencionado. Isaías está falando da surpresa das nações e seus reis quando vissem a exaltação do Servo Sofredor que eles anteriormente haviam desprezado.

B. Os Planos de Paulo , 15.22-33

Visto que Paulo concluiu o seu ministério no Oriente, ele está agora pronto para ir a Roma. O leitor percebe que ele está ciente de que a igreja romana pode sentir que a sua visita está muito atrasada, e é por esta razão que ele toma as suas dores para mostrar-lhes por que não foi antes. **Pelo que** (*dio kai*, “Por essa razão”, NASB, NTLH) **também mui tas vezes tenho sido impedido de ir ter convosco** (22; cf. 1.13). A razão pela qual até aquele momento Paulo vinha sendo impedido de ir a Roma, não era tanto pelo temor de que ele poderia edificar sobre o fundamento de outro homem, mas pela necessidade de “completar a pregação do evangelho” (v. 19) em seu território anteriormente designado.

Mas, agora, que não tenho mais demora nestes sítios, e tendo já há muitos anos grande desejo de ir ter convosco (cf. 1.9-11), **quando partir para a Espanha, irei ter convosco** (23-24). A. T. Robertson comenta a franqueza surpreendente de Paulo. “Paulo está agora livre para ir a Roma, porque não há nenhuma necessidade a ser suprida pelo apóstolo no local onde ele está”. Mas a sua viagem será simplesmente uma escala em sua viagem para a **Espanha**.

Não havia necessidade de permanecer muito tempo em Roma, visto que a igreja ali era forte e próspera; era a Espanha que o estava chamando. A Espanha era uma província romana com muitos judeus, e Paulo não ficaria satisfeito até que proclamasse a Cristo na margem ocidental do império. Para usar as palavras de Wesley: a sua igreja era o mundo todo.

Pois espero que, de passagem, ele continue, vos verei e que para lá seja encaminhado (*propemphthenai ekei*, “ajudado em meu caminho para lá”, NASB) **por vós, depois de ter gozado um pouco da vossa companhia**.

Ele agora menciona uma outra razão que causará algum atraso em sua visita a Roma, e em sua viagem missionária à Espanha. **Mas, agora, vou a Jerusalém para ministrar aos santos** (25). A frase **ministrar aos santos** (*diakonon tois hagiois*) é quase uma expressão técnica usada por Paulo para as contribuições feitas pelos

cristãos gentios à igreja em Jerusalém.¹² Os membros da igreja em Jerusalém são os **santos** *por excelência* (cf. 1 Co 16.1; 2 Co 9.12). Mas os convertidos de Paulo e outros cristãos gentios se tornaram “concidadãos dos santos” (Ef 2.19), o povo santo de Deus. (Cf. 1.7, com comentários. Mais detalhes sobre a coleta são encontrados em 1 Co 16.1-4 e 2 Co 8-9. Foi uma tarefa à qual Paulo conferiu grande importância).

Porque pareceu bem à Macedônia e à Acaia¹³(veja o mapa 1) fazerem **uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém** (26). O verbo **pareceu bem** (*eudokesan*) implica que a contribuição deles foi voluntária, e feita com sinceridade e boa vontade (cf. 10.1; 1 Co 1.21; G11.15). Desde o princípio parece haver um grupo bastante grande de santos pobres na igreja de Jerusalém (cf. Atos 2.44-45, 4.34-35; 6.1-3; 11.27-30). Parece que os cristãos de Jerusalém se referiam a si mesmos como “os pobres” (cf. G12.10), e em anos posteriores os cristãos judeus foram conhecidos como ebionitas (da forma heb. *ebyonim*, “pobre”).

Paulo enfatiza a boa vontade com a qual a contribuição foi feita, repetindo o verbo **pareceu bem** (*eudokesan*), mas ele continua a salientar que em outro sentido eles estavam apenas pagando uma dívida justa. **Isto lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios foram participantes dos seus bens espirituais, devem também ministrar-lhes os temporais** (27). **Espirituais** (*pneumatikos*) e **temporais** [*sarkikois*] são termos paulinos característicos (cf. 1 Co 9.11; 2 Co 10.4). ANASB traduz este texto da seguinte forma: “Porque se os gentios compartilharam as suas coisas espirituais, eles estão em dívida, e também devem lhes ministrar as coisas materiais”. O verbo **ministrar** (*leitourgesai*) possivelmente sugere que Paulo pensava nesta oferta como uma extensão maior de seu serviço sacerdotal (cf. v. 16).

Em 2 Coríntios 9.12 ele chama a coleta de um “serviço” (*leitourgia*), de onde derivamos a palavra “liturgia”.

Ele agora retoma o seu argumento e declara outra vez os seus planos de visitar Roma. **Assim que, concluído isto, e havendo-lhes consignado** (*sphragisamenos*) **este fruto, de lá, passando por vós, irei à Espanha** (28). Em vez de **consignado este fruto**, na NEB lê-se: “e entregar os produtos sob o meu próprio selo”. Paulo sugere que levando a contribuição para Jerusalém e apresentando-a à igreja ali, ele coloca o seu “selo” sobre ela (como um administrador

colocaria o seu selo nos frutos colhidos sob a sua direção). Ele iria assim mostrar que a contribuição era o fruto de seu ministério entre os gentios. Bruce, no entanto, pensa que talvez “não seja no próprio selo de Paulo que deva nos pensar, mas no selo do Espírito; aqui está a confirmação conclusiva de sua obra entre os gentios”.

Paulo agora dá o seu testemunho pessoal. **E bem sei que, indo ter convosco, chegarei com a plenitude da** (*pleromata*) **bênção do evangelho de Cristo** (29). As palavras **do evangelho** (*euangelizou*) estão ausentes em todos os melhores manuscritos. Paulo está indo para Roma **com a plenitude da bênção... de Cristo**. Ele estava consciente da plenitude do Espírito (cf. Ef 5.18); e, portanto, poderia outorgar sobre os romanos um *charisma* espiritual (cf. 1.11, com comentários).

A referência à sua visita a Jerusalém faz o apóstolo lembrar dos perigos e ansiedades que esta viagem implica. Isto o leva a concluir a seção com uma súplica fervorosa aos cristãos romanos para que se unam em oração a seu favor. **E rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais comigo nas vossas orações por mim a Deus, para que seja livre dos rebeldes que estão na Judéia, e que esta minha administração, que em Jerusalém faço, seja bem aceita pelos santos; a fim de que, pela vontade de Deus, chegue a vós com alegria e possa recrear-me convosco** (30-32). O seu apelo é baseado na devoção comum ao **Senhor Jesus Cristo** e ao **amor do Espírito** que os romanos compartilham com Paulo. O termo que ele emprega, **combatais comigo**, descreve a oração que é necessária. É “uma intensa energia de oração, em luta”, uma indicação do risco que Paulo pensa estar correndo quando vai a Jerusalém.

Paulo não só estava preocupado acerca do tratamento que receberia dos judeus descrentes, mas também tinha receio de como esta oferta seria aceita pela igreja em Jerusalém. De fato, a igreja aparentemente recebeu a sua contribuição com gratidão (At 21.17-20). No entanto, os seus temores quanto ao que os judeus descrentes fariam se mostraram bem fundamentados. Por ordem de Tiago, Paulo foi ao Templo e executou certos ritos judaicos tradicionais em um esforço para desarmar o preconceito de seus companheiros judeus.

A sua presença, porém, provocou um tumulto. Ele quase foi linchado, mas foi salvo pela guarda romana (At 21.20-34). Por fim, ele foi enviado a Roma como um prisioneiro.

“O curso da história, no entanto, conferiu um tom profundo de ironia trágica a esta seção da carta. O homem que escreve a Roma, cheio de planos de grande projeção, que está planejando visitar a capital em seu trajeto a campos mais distantes em seus empreendimentos, foi levado a Roma, desgastado pelos anos de prisão, acorrentado, com sua esperança frustrada, e sua carreira ativa chegando ao fim”.¹⁶ Portanto, no mistério da providência o apóstolo foi, **pela vontade de Deus**, a Roma. Esta seção termina com uma breve, mas característica, bênção paulina: **E o Deus de paz seja com todos vós. Amém! (33).**

C. Apresentação de Febe, Saudações e Advertências, 16.1-2

4

1. Apresentação de Febe (16.1-2)

Uma carta antiga, assim como uma moderna, geralmente terminava com bons votos ao destinatário e saudações aos amigos. Mas antes de enviar saudações aos romanos, Paulo acrescenta algumas sentenças por meio de pós-escritos para apresentar à igreja de Roma uma diaconisa (*diakonon*) **da igreja... em Cencréia** chamada **Febe** (1). Cencréia era o porto oriental de Corinto (veja o mapa 1), e Febe estava provavelmente planejando uma viagem para a capital. Uma carta de apresentação daria à cooperadora o acesso à igreja ali.

Tais cartas de recomendação eram amplamente usadas na igreja primitiva. Paulo, em outra passagem, pergunta à igreja em Corinto: *Ou necessitamos, como alguns, de cartas de recomendação para vós ou de recomendação de vós?* (2 Co 3.1). Havia uma necessidade destas cartas no caso de pessoas menos conhecidas. Uma igreja deve saber se um estranho que chega e procura hospitalidade (cf. 12.13) não é um impostor.

Paulo roga aos romanos: **Recebais Febe no Senhor, como convém aos santos** (2; *axios ton hagion*, “de uma maneira digna dos santos”). Eles deveriam dar a ela acesso aos privilégios da comunhão cristã em Roma... **e**, continua Paulo... **a ajudeis em qual quer coisa que de vós necessitar**. Ele informa aos romanos que Febe tinha

hospeda do (*prostatis*, sido uma “cooperadora”, NASB) **a muitos**. *Prostatis* é, às vezes, equivalente ao latim *patrona*, um representante legal ou um protetor rico. Sanday e Headlam entendem que a expressão aqui sugere que Febe era uma pessoa de alguma posse e posição, e que era, portanto, capaz de agir como alguém que beneficiava a igreja em Cencrêia. Mas outros comentaristas entendem o termo como se referindo ao seu trabalho como uma *diakonos* (v. 1). Os deveres de um *diakonos* poderiam ser executados tanto por homens como por mulheres. Isto é sugerido por 1 Timóteo 3.11, onde a expressão “as esposas”, que consta em algumas versões, seria melhor traduzida como “as mulheres”, isto é, “mulheres-diáconos” (“diaconisas”, NEB, marg.).

De qualquer modo, presumimos que Febe deveria entregar a carta à congregação romana. Indivíduos particulares, tais como o apóstolo, tinham que fazer seus próprios acordos para a transmissão de cartas; somente oficiais públicos e seus amigos podiam fazer uso do serviço postal imperial.

2. Saudações Pessoais (16.3-16)

O apóstolo agora envia saudações pessoais a cerca de duas dúzias de membros da igreja romana. Estes são cristãos que ele conheceu em algum local durante suas viagens missionárias, os quais encontrou nos caminhos que conduziam à metrópole romana.

Em um esforço para identificar alguns dos “santos... da casa de César” mencionados em Filipenses 4.22, o Bispo Lightfoot coletou evidências impressionantes que se relacionam com a possível identificação de algumas das pessoas aqui mencionadas. A maior parte das evidências provém de inscrições encontradas nos terrenos onde eram realiza dos sepultamentos imperiais. Ele encontrou todos os *nomes* que aparecem nestes versículos; em dois ou três casos ele parece ter estabelecido uma provável ligação entre a lista de Paulo e membros conhecidos da “casa de César”.

Desde a época de Lightfoot outros estudiosos têm examinado tanto inscrições romanas como efésias, no esforço para identificar estes indivíduos. O mínimo que pode ser dito a partir das evidências coletadas é que os nomes nestes versículos podem ser melhor atestados em Roma do que em Éfeso.

Encabeçando a lista estão **Priscila e Aqüila** (*Priscan kai Akylan*, “Prisca e Áquila”, NASB, RSV), **meus cooperadores em Cristo Jesus** (3). **Priscila** é o diminutivo de Prisca. Lucas a chama por este nome mais familiar (cf. Atos 18.2, 18, 26), mas Paulo prefere Prisca (cf. 1 Co 16.19, NASB, RSV; 2 Tm 4.19). Tanto Lucas como Paulo a citam antes de Aqüila, seu marido.

Isto pode ser porque ela era a personalidade mais forte dos dois, mas há evidências de que ela era de uma posição social superior. Prisca pode ter pertencido por nascimento ou emancipação à *gens Prisca*, uma nobre família romana, enquanto que Aqüila era um judeu de Ponto, na Ásia Menor (At 18.2).

Priscila e Aqüila foram expulsos de Roma em 49 d.C., pelo decreto de Cláudio, mudando-se para Corinto, onde Paulo os conheceu (At 18.1-3). Posteriormente eles se mudaram para Éfeso, onde podem ter estado envolvidos nos tumultos descritos em Atos 19.23-40; este pode ter sido o episódio em que **expuseram a sua cabeça** pela **vida** de Paulo (4). Quando o decreto de expulsão deixou de vigorar, eles retornaram a Roma.

A gratidão que tanto Paulo como **todas as igrejas dos gentios** sentiam em relação a este casal cristão é compreensível. Eles não só foram dedicados a Paulo, como prestaram serviços importantes no que diz respeito à fundação da igreja tanto em Corinto (At 18.2-3) como em Éfeso (At 18.18-28).

O apóstolo também envia saudações para **a igreja... em sua casa** (5; cf. 1 Co 16.19). Estas igrejas em casas são mencionadas em outras passagens no NT (Cl 4.15; Fm 2). Também lemos sobre casas inteiras tornando-se cristãs juntas (At 10.44-48; 16.5, 30-34; 18.8; 1 Co 1.16). A casa incluía, além dos membros da família imediata, escravos e dependentes, que eram membros da *familia* (no sentido romano). Se ela fosse uma casa grande e influente, com amplas acomodações, os vizinhos cristãos também se uniriam a ela.

Portanto, embora a casa de **Priscila e Aqüila** pudesse consistir de seus filhos e outros parentes, seus escravos, empregados e inquilinos, ela também incluiria outros “irmãos em Cristo” que se reuniam em sua mesa para a Ceia do Senhor. Ao morrer, estes “irmãos” cristãos tinham o direito de ser enterrados na câmara mortuária da família. Várias das catacumbas de Roma foram

desenvolvidas a partir destes locais de sepultamento familiar. Além disso, algumas das igrejas mais antigas de Roma parecem ter sido construídas nos locais destas casas usadas para a adoração cristã.

Não há motivo para supor que a igreja que se encontrava na casa de Priscila e Áquila fosse composta de todos os cristãos romanos. Grupos similares parecem ser sugeridos em 14-15. Até o século III não há evidências decisivas da existência de edifícios de igrejas.

No versículo 5 há uma saudação a **Epêneto, meu amado, que é as primícias da Ásia em Cristo**. Esta era a província da Ásia, sendo Efeso a sua principal cidade. O nome foi encontrado em inscrições tanto em Éfeso como em Roma.

Maria (6; *Marian*) pode ser um nome judeu ou romano. Em favor deste último pode ser observado que aparentemente em outros casos onde Paulo está se referindo aos ju deus, ele fala deles como seus parentes (cf. vs. 7,11). Maria **trabalhou muito** na igreja romana. Paulo nota isto, não por causa da igreja, mas como palavras de louvor à própria Maria.

Andrônico e a Júnia, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo (7). Como Priscila e Áquila, Andrônico e Júnia são provavelmente marido e mulher. Visto que Paulo converteu-se não mais que quatro ou cinco anos após a Ressurreição, devemos ligar este casal com a igreja primitiva em Jerusalém.

Como eram judeus com nomes gregos ou greco-romanos, eles provavelmente pertenciam ao círculo helenístico cujos líderes eram Estêvão, Filipe e seus companheiros.

Como outros neste grupo (At 8.4-5; 11.19-21), eles se tornaram missionários, ou **apóstolos** no sentido mais amplo (cf. 1.1, com comentários). Entre o corpo maior de apóstolos, Andrônico e Júnia **se distinguiram**. Não sabemos quando eles foram **companheiros** de Paulo **na prisão**, mas a expressão não significa necessariamente que eles estiveram juntos na mesma prisão.

Ampliato (8). *Amplias* é uma abreviatura de *Ampliato*, e é a forma encontrada naqueles que são considerados como os melhores manuscritos. Dodd salienta que em uma das antigas tumbas cristãs a única palavra *AMPLIATI* é encontrada em uma fina inscrição uncial do século I ou do início do século II. “A posição e o caráter da tumba

sugerem que ela pertenceu a uma pessoa que detinha um respeito especial. É bem possível que ele seja o nosso ‘Ampliato, meu amado no Senhor’. Seja qual for o caso, temos uma evidência antiga de uma família cristã romana portando este nome”.

Urbano (9; *Urbanus*) era um nome muito comum, significando “da cidade” (*urbs*). Ele é encontrado em várias inscrições romanas. Por outro lado, **Estáquis** é bastante raro. “Contudo, pelo menos uma pessoa assim chamada detinha um importante ofício na casa de César, próximo à época em que Paulo escreveu”.

Apeles (10) era um nome suficientemente comum entre os judeus de Roma para ser usado por Horácio como um típico nome judeu - “*credat Iudaeus Apella*” (*Satire* i. **5. 100**).

A saudação seguinte de Paulo é significativa. Aqueles **da família de Aristóbulo** (*tous ek ton Aristoboulou*) significa cristãos pertencentes à casa de Aristóbulo. Lightfoot considera que Aristóbulo tenha sido o neto de Herodes, o Grande. “Agora não parece improvável, considerando as relações íntimas entre Cláudio e Aristóbulo, que na morte deste último, seus servos, no total ou em parte, deveriam ser transferidos para o palácio.

Neste caso eles deveriam ser nomeados *Aristobuliani*, pelo que suponho que o *hoi ek ton Aristoboulou* de Paulo seja um equivalente. Esta, no mínimo, não é uma frase óbvia, e requer uma explicação.

E digno de nota que, depois de saudar **aos da família de Aristóbulo**, Paulo imediatamente cita alguém a quem ele designa como seu **parente**, isto é, seu companheiro judeu, cujo nome **Herodião** (11) podemos esperar encontrar entre os escravos ou libertos de um membro distinto da família herodiana.

Isto parece ligar os versículos 10 e 11.36 Paulo usa imediatamente a mesma forma de expressão ao saudar os **da família de Narciso**. O nome era comum. Mas aqui, como no caso de Aristóbulo, a expressão parece apontar para uma pessoa famosa que tinha este nome. O **Narciso** a que Paulo se refere era provavelmente o notório liberto de Cláudio que foi morto pouco depois da ascensão de Nero, e, portanto, dois ou três anos antes desta carta ser escrita.

Seus escravos provavelmente passariam para as mãos do imperador, e aumentariam a “casa de César” como *Narcissiani*,

Trifena e Trifosa (12), que são mencionadas em seguida, eram provavelmente irmãs e podem ter sido gêmeas. Ambos os nomes foram encontrados na casa imperial por volta da época em que Paulo escreveu esta Epístola. Seus nomes significam “Manjar” e “Desdém” e são caracteristicamente pagãos; mas agora estas irmãs **trabalham no Senhor**. O tempo verbal no presente indica que elas ainda estavam trabalhando. Ao contrário, o “muito trabalhou” da **amada Pérside** pertence a alguma ocasião no passado, e o adjetivo “amada” sugere que Pérside era altamente estimada por toda a igreja.

Rufo (13) é um nome muito comum, e não teria chamado a atenção exceto pelo fato de que ele ocorre no Evangelho de Marcos. Marcos, que escreveu aos romanos, descreve Simão de Cirene como “pai de Alexandre e Rufo” (15.21). “A pessoa que possuía este nome, portanto, parece ter tido um lugar proeminente entre os cristãos romanos; e assim há, no mínimo, uma base justa para identificar o Rufo de Paulo com o Rufo de Marcos”. Paulo fala de Rufo como **eleito no Senhor** (“um seguidor notável do Senhor”, NEB). Ele também saúda **sua mãe e minha**. Não sabemos quando ela “foi como uma mãe” para Paulo.

De **Asíncrito, Flegonte e Hermas** (14) não sabemos absolutamente nada. **Pátrobas** (de Patrobios) pode ter sido um dependente de um famoso libertado do mesmo nome na época de Nero, que foi morto por Galba (Tácito, *Hist.*, i., 49, ii., 95). “Hermes tem sido freqüentemente identificado com o autor da obra *O Pastor*, mas embora a identificação remonte a Orígenes, ela é equivocada”. A frase **Os irmãos que estão com eles** provavelmente sugere uma igreja em casa (cf. v. 5).

Filólogo e Júlia (15), aqui citados juntos, são provavelmente marido e mulher. Ambos são nomes de escravos muito comuns. A tradição eclesiástica romana do período do século IY associa **Nereu**, e um acompanhante chamado Aquileu, com Flávia Domitila. Flávia era uma senhora cristã da casa imperial, que foi banida para a ilha de Pandataria por seu tio Domiciano em 95 d.C., mas foi libertada no ano seguinte após a morte deste; seu nome foi perpetuado no “Cemitério de Domitila”. **Olimpas** é uma abreviatura de Olumpiodoros. A frase **Todos os santos que com eles estão** com toda probabilidade tem o mesmo significado que a frase conclusiva do versículo anterior. A igreja romana era provavelmente

composta por várias congregações em casas, em diferentes seções da cidade.

Quando a Epístola fosse lida na igreja, os cristãos deveriam saudar **uns aos outros com santo ósculo** (16; *enphilemati hagio*). O costume de combinar saudação e beijo era oriental; era especialmente judaico, e desta forma tornou-se cristão. Em 1 Pedro 5.14 o beijo é chamado *dephilema agapes*. Por **santo** (*hagion*) o beijo é distinguido da saudação comum da amizade ou afeição natural. “Pertence a Deus e à nova sociedade de seus filhos; é especificamente *cristão*”. Por fim, ele se tornou uma parte regular da liturgia.

As palavras: **As igrejas de Cristo vos saúdam**, concluem as saudações de Paulo. Este texto pode ser lido da seguinte forma: “Todas as igrejas de Cristo vos saúdam” (*hai ekklesiaipassai tou Christou*).⁴⁴ Por “todas as igrejas”, cf. v. 4; 1 Co 7.17; 14.33; 2 Co 8.18; 11.28. Hort sugere que esta frase singular é usada para expressar “a maneira pela qual a igreja de Roma era um objeto de amor e respeito para as igrejas judaicas e gentílicas, de modo igual”.

3. Advertência Contra os Falsos Mestres (16.17-20)

Esta admoestação é diferente do restante de Romanos tanto em estilo como em essência.

a) Estilo. Era costume de Paulo, depois de ditar uma carta, pegar a pena em sua própria mão e acrescentar uma breve nota. Assim lemos em 2 Tessalonicenses 3.17: “Saudação da minha própria mão, de mim, Paulo, que é o sinal em todas as epístolas; assim escrevo. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!” Em Colossenses 4. 18 ele escreve: “Saudação de minha mão, de Paulo. Lembrai-vos das minhas prisões. A graça seja convosco. Amém!” Mas em outras duas cartas esta conclusão em forma de autógrafo se estende muito (1 Co 16.21-24; Gl 6.11-18).

Podemos, portanto, considerar os versículos 17-20 como a conclusão epistolar usual de Paulo. Ela se encerra com uma bênção que ele usa com leves variações em cada carta,

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém!
“Podemos presumir que ele pegou a pena da mão de seu escrevente

para acrescentar a breve admoestação e 'graça' em sua própria caligrafia, que, como ele diz em 2 Tessalonicenses, era uma marca invariável de uma carta autêntica procedente dele".

b) Essência. O fato de Paulo agora se sentir em contato mais direto com os romanos pode ser responsável pela mudança de tom e assunto. Ao longo de toda a Epístola ele escreveu oficialmente como um apóstolo para uma igreja que ele jamais havia visitado.

Agora, Paulo assume uma atitude pastoral mais característica das cartas escritas para as suas próprias igrejas. **E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles** (17).

Quem são estes falsos mestres? Sanday e Headlam pensam que eles são "provavelmente personagens judeus". Isto é bastante improvável. Eles parecem antes lembrar os antinomianos que o apóstolo denunciou em Filipenses 3.18-19. Parece claro, porém, que, seja lá quem forem, eles ainda não se manifestaram em Roma, nem começaram a trabalhar ali. A advertência, portanto, seria generalizada, em vez de uma advertência direcionada a uma situação conhecida em Roma. A natureza antinomiana destes ensinadores é indicada pela declaração seguinte. **Porque os tais não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao seu ventre** (cf. Fp 3.19); **e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos simplices.** Estes ensinadores não são servos do **Senhor Jesus Cristo**; eles são escravos de seus apetites. Mas eles são oradores lisonjeiros e persuasivos capazes de enganar cristãos sinceros com seus ensinamentos capciosos.

A fim de ligar o versículo 19 com a sentença anterior, devemos inserir uma declaração de ligação. "Eu dou esta exortação, separando todos vocês dos falsos mestres, e daqueles que são propensos a ser enganados por eles". O versículo 19 então segue naturalmente:

Quanto à vossa obediência, é ela conhecida de todos.

Comprazo-me, pois, em vós (*eph hymin oun chairō*; "sobre vós então eu me alegro"); **e quero que sejais sábios no bem, mas simplices no mal.** "O que Paulo deseja aqui aos romanos - inteligência moral, não prejudicada de maneira alguma por qualquer contato com o mal - sugere que o antinomianismo era o perigo contra o qual deveriam se guardar. A integridade da natureza moral

é a melhor segurança: o ensino sedutor deveria ser instintivamente repellido”.

Ele então lhes dá uma promessa que ecoa Gênesis **3.15: E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés** (20). Isto implica que as divisões são uma obra de Satanás, e a supressão delas pelo Deus de paz é uma vitória sobre Satanás. Então vem a bênção: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém!**

4. Saudações de Amigos em Corinto (16.21-24)

A carta está completa, mas, por meio de pós-escritos, Paulo acrescenta saudações de alguns de seus companheiros que estão com ele em Corinto. **Timóteo** (21) é bem conhecido. Ele estava com Paulo na Macedônia (cf. 2 Co 1.1) antes de vir a Corinto. **Lúcio** pode ser aquele mencionado em Atos 13.1.

Jasom foi certa vez o anfitrião de Paulo (At 17.5-9) em Tessalônica. **Sosípatro** pode ser a forma mais longa de Sópatro, que é mencionado em Atos 20.4. Todos eles são **parentes** de Paulo, ou companheiros judeus.

Então, o escrevente de Paulo pega a pena outra vez e escreve: **Eu, Tércio, que esta carta escrevi, vos saúdo no Senhor** (22). Veja 2 Ts 3.17; 1 Co 16.21; Cl 4.18.

Saúda-vos Gaio, meu hospedeiro e de toda a igreja (23). “Como a Epístola aos Romanos foi escrita em Corinto, este anfitrião cristão é provavelmente o mesmo que é mencionado em 1 Coríntios 1.14”. Outras três pessoas com o mesmo nome são mencionadas em outras passagens (At 19.29; 20.4; 3 Jo 1). **De toda a igreja** (*ho xenos holes tes ekklesias*) pode ser uma referência a toda a comunidade cristã que se reunia em sua casa (cf. vs. 5, 14-15). **Erasto** (2 Tm 4.20) era o **procurador** (*ho oikonomos*, tesoureiro) da cidade de Corinto. A palavra grega significa “administrador da casa” e pode indicar que Erasto era o administrador da cidade de Corinto. Ele provavelmente era o administrador das propriedades da cidade. **Quarto** (*Quartus*) é o nome latino para *quarto* (número ordinal). (O versículo 24 não é encontrado nos melhores manuscritos, e deveria ser omitido. Observe como ele repete 20b).

5. *Doxologia* (16.25-27)

As cartas de Paulo, geralmente, terminam com uma bênção. Mesmo fora das questões de crítica textual ligadas a ela, esta doxologia tem levantado muita discussão. As analogias mais próximas são encontradas em Efésios 3.20-21; Hb 13.20-21; e Judas 24-25. As doxologias de Paulo são geralmente muito mais breves (cf. 1.25; 9.5; 11.36; Fp 4.20). Esta é encontrada em diversas passagens em extensos manuscritos de Romanos. Em alguns ela é colocada depois de 14.23, e em outros tanto ali como neste lugar. Em um dos manuscritos ela não aparece de forma alguma.

Por causa daquilo que considera como o caráter artificial dos conteúdos, um estudioso conservador e reverente como Denney desconfia que ela não pertença à Epístola, não mais do que a doxologia de Mateus 6.136 pertence à oração do Senhor.

Sanday e Headlam, por outro lado, concordam com Hort e Lightfoot de que temos aqui “uma conclusão genuína e original da Epístola, em precisa harmonia com o seu conteúdo”. Em seu comentário sobre a doxologia, eles apontam para as várias partes da Epístola que são adicionadas em sentenças férteis nestes versículos finais.

Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar (25) parece ecoar 14.4. “Somos uma vez lembrados que em 1.11 Paulo havia declarado que um dos propósitos de sua esperada visita era conferir sobre eles algum dom espiritual para que pudessem ser confirmados”.

Segundo o meu evangelho (*kata to euangelion mou*) repete 2.16. Uma característica saliente da Epístola é o desejo de Paulo de apresentar aos romanos o seu entendimento especial do evangelho. Ele não considerava este entendimento como sendo de forma alguma antagônico à fé comum da igreja (cf. 1 Co 15.1-4), mas como complementar à tradição geral.

A frase **a pregação de Jesus Cristo** (*to kerygma lesou Christou*) enfatiza o evangelho *como a proclamação* de Cristo (cf. 10.8-12; 1 Co 1.21,23; 2.4; 2 Co 1.19; 4.5; 11.4; Gl 2.2; etc.). **Conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora** (25-26) é um paralelo a 1 Coríntios 2.7-10 (cf. Ef 3.3, 5-6; Tt 1.2-3; 2 Tm 1.9-10). Para frases separadas cf. 1.16; 3.21; 11.25. Este é o pensamento que constitui a base dos caps. 9-11, e que está indiretamente implícito nos oito primeiros

capítulos. Deus, que governa sobre todas as eras que passaram e que hão de vir, está operando o seu propósito eterno no mundo. Durante séculos foi um mistério, mas agora nestes últimos dias este mistério foi revelado por meio do evangelho.

Todas as idéias no restante do v. 26 estão de acordo com os pensamentos que percorrem a Epístola. A expressão **pelas Escrituras dos profetas** (*dia te graphon prophetikon*) está de acordo com 1.1-2 e 3.21. Ela indica que o novo método de salvação, “separado da lei, foi testemunhado pela lei e pelos profetas”. Ao longo de toda a Epístola aos Romanos, Paulo enfatiza a unidade do Antigo e do Novo Testamentos, mostrando que o evangelho estabelece a lei (3.31). O mesmo é verdadeiro quanto à idéia expressa pela frase **segundo o mandamento do Deus eterno** (*kat epitagen tou aioniou theou*).

“A missão dada aos pregadores do evangelho é revelada de forma geral em Romanos 10.15ss., o mandamento especial ao Apóstolo é tratado na abertura dos vs. 1-5, e o sentido de comissão é um pensamento constante deste período”. A palavra **eterno** (*aioniou*) é sugerida por **desde tempos eternos** (*chronois aioniois*) no v. 25. A fórmula **o mandamento** (*kat epitagen*) ocorre em 1 Coríntios 7.6 e em 2 Coríntios 8.8, mas com um significado diferente; no sentido que Paulo usa aqui ela é encontrada em 1 Timóteo 1.1; Tito 1.3.

Encontramos a frase **a obediência da fé** (*eis hypakoen pisteos*) em 1.5 (cf. 15.18). Este é um dos pensamentos-chave de Paulo na Epístola. Veja os comentários sobre 1.5 para o seu significado fundamental no ensino do apóstolo.

A última frase, **se notificou... a todas as nações** (*eis panta ta ethne gnoristhentos*), é comum na Epístola. “Nesta passagem, ainda dando continuidade à explicação do *kerygma*, toca-se em quatro idéias principais da pregação apostólica - a continuidade do evangelho, a comissão apostólica, a salvação pela fé, a pregação aos gentios”.

A Epístola termina com as grandes palavras, **Ao único Deus, sábio** (*mono sopho theo*), **seja dada glória por Jesus Cristo para todo o sempre. Amém!** (27). Uma expressão semelhante, “Ao único Deus...” (*to mono sopho theo*), é encontrada em 1 Timóteo 1.17. O grande pensamento é o de 3.29-30 - Deus é **único**; portanto, ele é o Deus tanto dos judeus como dos gentios; o evangelho é único. Deus é

infinitamente **sábio**; mesmo quando não podemos entender os seus caminhos, podemos confiar em sua sabedoria.

“A doxologia resume todas as grandes idéias da Epístola. O poder do evangelho que Paulo foi comissionado a pregar; a revelação do propósito eterno de Deus; seu conteúdo, a fé; sua esfera, todas as nações da terra; seu autor, o único Deus sábio, cuja sabedoria é, portanto, demonstrada - todos estes pensamentos tinham sido continuamente expressados. E assim, com o sentimento final de que a nota discordante dos vs. 17-20 seria uma conclusão inadequada, e desejando ‘restaurar a Epístola em seu encerramento ao seu tom de imponência serena’, o Apóstolo acrescenta estes versículos, escrevendo-os talvez com sua própria mão naquelas grandes letras destacadas que parecem ter formado uma espécie de autenticação de suas Epístolas (G16.11), e, dessa forma, apresenta uma conclusão eloqüente do seu grande argumento”.

Evangelista Isaias Silva de Jesus

Igreja Evangélica Assembléia de Deus Ministério Belém Em
Dourados - MS

Comentário Bíblico Volume 08 - Romanos e 1 e 2 Coríntios